

VER OU NÃO VER

VOLUME 2

PEÇA TEATRAL EM DOIS ATOS
E DOIS QUADROS DE
GERALDO SANTOS PEREIRA

AO SR. CLÁUDIO ROCHA
GERENTE DO TEATRO DA ASSEMBLÉIA

BELO HORIZONTE
1998

VER OU NÃO VER

PERSONAGENS

Arnaldo e Elisa são cegos. O primeiro de nascença, Elisa por doença de infância que lhe provocou séria lesão e a opacidade corneana.

Elisa nasceu em pequena cidade do interior de Minas e lá viveu até os quinze anos, quando veio morar com os pais em Belo Horizonte.

Afeiçoada à leitura, com pouco mais de 20 anos resolveu aprender Braille e, no Instituto São Rafael, conheceu Arnaldo Spínola de Souza, professor da instituição de cegos.

Descendente de italianos e portugueses, Arnaldo, homem de 45 anos de idade, precocemente envelhecido, ficou definitivamente cego em consequência genética de gravidez tormentosa da mãe.

Arnaldo foi casado com Helena, também cega, que conheceu no "São Rafael". Não teve filhos e dela se separou, indo residir em pequeno apartamento no segundo andar de um prédio no bairro de Padre Eustáquio.

Culto, com muitos livros em português, francês e inglês, vertidos para o Braille, dedica verdadeira paixão à música, tendo aprendido piano com um professor também cego, guardando numa estante de livros numerosas partituras pianísticas, também em Braille, além de considerável coleção de discos em "long-play" e CD.

Elisa Xavier Mendonça é uma bela moça, sensível, discreta, inteligente, mas de cultura limitada, pois fizera os estudos em modestas instituições de ensino, já que os pais não dispunham de recursos para matriculá-la nos melhores colégios.

Uma grande amizade uniu, em pouco tempo, professor e aluna. Para intensificar o aprendizado de Elisa, Arnaldo passou a lhe dar, gratuitamente, aulas particulares no apartamento de Padre Eustáquio.

Da amizade, professor e aluna passaram, inevitavelmente, para um relacionamento amoroso que, ao ter início a peça, já é marcado por dramáticas virtualidades, advindas da gravidez inesperada de Elisa e do transplante de córnea que lhe restituiu a visão.

Os dois acontecimentos - gravidez e transplante - provocam, inevitavelmente, profunda influência no relacionamento de professor e aluna, conduzindo-os a um cruciante desfecho.

CENÁRIO

A peça terá um único cenário: o apartamento conjugado de quarto e sala de Arnaldo Spínola de Souza, no segundo andar de um prédio modesto no bairro de Padre Eustáquio.

Despojado, sem nenhum luxo, o imóvel revela, contudo, um morador culto e requintado, pois nele se vêem livros, discos, aparelho de som e um piano de armário.

No primeiro plano, à esquerda, (visão do palco para a platéia) a porta de entrada. À DB (direita baixa) a cama de casal e à DA (direita alta) um móvel, metade guarda-roupa e metade estante para som e gaveta, ao lado do qual se localiza uma poltrona muito usada, tipo “cadeira do papai”. Ao fundo e centro uma única e grande janela, aberta para uma rua movimentada do bairro, por onde penetram ruídos de carros, ônibus, sirenes da polícia e de ambulâncias, gritos de crianças e camelôs, discussões onde, não raras vezes, afloram palavrões e raivosas ofensas entre moradores.

Próximo à janela, vê-se um vaso com uma bela shesslera, planta que Arnaldo rega diariamente, com cuidados especiais, e, à EA (esquerda alta) uma estante contendo livros em Braille e diversas partituras musicais, também em Braille. Ao lado da destaca-se um piano de armário, com banquetas e uma cadeira. Sobre o piano vêem-se pequenas estatuetas em gesso de Beethoven, Chopin e Tchaicovsky.

À EB (esquerda baixa) a porta dando para o “hall” de entrada e um móvel com espelho e local onde se guardam bengala e guarda-chuva.

A decoração se completa, nas paredes, com retratos dos pais e parentes do professor, duas estampas envelhecidas, uma de Florença e outra de Gênova, terra natal do imenso clã dos Spínolas, do qual ele descende.

A única janela do imóvel, uma espécie de terceiro personagem da peça, abre-se para uma rua do bairro, deixando ver, ao fundo, o desenho de outro prédio de apartamentos, uma casa de dois pavimentos, postes de luz, etc.

A janela, como se verá, adquire sentido alegórico, como elemento de ligação de Arnaldo e Elisa com o mundo exterior.

O cenário é firme e imutável nos dois atos da peça.

SONORIZAÇÃO

Elemento técnico e artístico de muita importância na peça será a sonorização, ou sonoplastia, incluindo músicas, ruídos e vozes humanas *em off*, provenientes de uma rua suburbana de Belo Horizonte.

Além de gravações de música clássica - Franz Schubert, Tchaicovsky e César Frank - que Arnaldo coloca em seu aparelho de som, ouvidas no decorrer da ação da peça - também farão parte da trilha sonora ruídos de

carros, subindo e descendo a rua, sirenes de ambulâncias e de veículos da polícia, discussões de moradores de apartamentos vizinhos, gritos, batidas de carros, etc., entrando pela janela.

Em determinados instantes, o técnico de som agirá como no cinema, realizando trabalho técnico semelhante à *mixagem* de filmes, quando ruídos, música e diálogos se misturam com intensidade sonora variável.

ILUMINAÇÃO

A iluminação terá, igualmente, expressiva importância técnica e artística no espetáculo. No primeiro ato, quando Elisa ainda não enxerga, os refletores projetarão no palco uma luz discreta, de intensidade reduzida. No segundo, quando Elisa, através de transplante, recupera a visão, o cenário será fortemente iluminado, devassando móveis, objetos e recantos do apartamento.

Fica evidente que a atmosfera pouco iluminada do primeiro ato adquire valor simbólico diante da cegueira transitória de Elisa. No segundo ato, quando ela volta a enxergar e retorna ao apartamento de Arnaldo, a iluminação intensa do cenário ganha idêntico valor simbólico.

ÉPOCA: ATUALIDADE

PRIMEIRO ATO

Ao abrir-se a cortina, iniciando o primeiro ato, palco e platéia estarão mergulhados na obscuridade, ouvindo-se os primeiros acordes do Allegro ma non troppo do Quinteto para Cordas em Dó Maior, Opus 163, de Franz Schubert.

No palco, fracamente iluminado, vê-se a figura solitária de Arnaldo, regando, perto da janela, a bela e viçosa planta shesslera, enquanto ouve a peça musical de Schubert.

Depois de alguns instantes, soa forte a campainha da porta de entrada, assustando o professor que, com o característico caminhar dos cegos, dá alguns passos, abaixa o volume da música e vai abrir a porta, pela qual entra Elisa, portando a tradicional bengalinha branca.

Elisa, vestindo roupa simples, de moda jovem, estende a mão ao professor, que a recebe com efusão, recosta a bengala na parede e diz ao fechar a porta:

ELISA

- Oi, professor! Que calor, hein?

ARNALDO

- Está danado, Elisa! Parece coisa do *El Niño*...

ELISA

- Imagine se em vez de *El Niño* fosse *El Hombre*?...

ARNALDO

(Sorrindo): - Como piada, até que não é das piores...

(Os dois, sorridentes, caminham em direção à mesa de trabalho. Arnaldo, com a mão direita afetuosamente colocada no ombro da aluna, vai falando):

- Como vai minha aluna predileta? Fez o trabalho em Braille?

ELISA

- Só uma parte. Tive uns dias meio atribulados. Papai não está bem de saúde e mamãe anda muito nervosa.

ARNALDO

(Preocupado): - O que tem seu pai?

ELISA

- Sofre de efizema pulmonar, sente falta de ar. Papai diz sempre que a pior doença é a velhice.

ARNALDO

- Todo mundo acaba apanhando esta doença, que também já começa a me atacar... Ou melhor, já me atacou...

(Antes de sentar-se à mesa de trabalho, onde aprende ler e escrever em Braille, Elisa confessa ao professor):

ELISA

- Papai foi despedido da firma e não encontra trabalho por causa da idade. O salário que meu irmão recebe não cobre as despesas, e papai não deixa mamãe trabalhar. Se eu pudesse conseguir um emprego até que ajudaria um pouco. Mas neste país emprego de cego é fabricar vassoura e vender loteria...

(Arnaldo, ainda de pé, volta-se para Elisa, abraça-a carinhosamente e lhe fala):

ARNALDO

- Você poderia vir morar aqui, Elisa. Já falei com você sobre isto. Seria uma despesa a menos para vocês, e um grande prazer para mim.

(Elisa separa-se de Arnaldo e com tom de voz ligeiramente irritado, retruca):

ELISA

- Não, Arnaldo. Isto não resolve a situação e meus pais não aceitam. Minha família é pobre, você sabe, e família mineira tem suas tradições. Morar junto, só depois do casamento.

ARNALDO

- Você está um pouco desatualizada, Elisa. A “tradicional família mineira” já não tem tanta tradição. Mudou muito e, para falar linguagem atual, *globalizou-se*. Muitas famílias batizam filhos antes do casamento.

(Elisa, procurando não perder o bom-humor, retruca ao professor):

ELISA

- Pode ser, professor, pode ser, mas na minha família casamento vem antes de batismo. Sigo a tradição, prefiro continuar antiquada. Gosto não se discute, não é?

(Elisa avança dois passos, puxa a cadeira, senta-se e procura a folha em Braille, enquanto Arnaldo vai desligar o aparelho de som. Achando o texto, que procurava, diz ao professor, com voz descontraída):

- Que bom, Arnaldo! Você passou para o Braille "Miss Herriet", de Maupassant! É meu conto preferido!

(Dizendo isto, Elisa passa na folha perfurada as duas mãos: a direita descobrindo, nos pontos em relevo, o significado do texto, utilizando um ou mais dedos, enquanto a esquerda, simultaneamente, vai tateando a coluna para o início da nova linha. De frente para a platéia, os olhos cegos perdidos num ponto indeterminado, Elisa começa a ler, em voz alta, ainda hesitante, as primeiras palavras do conto):

- "Éramos sete no *break*, quatro mulheres e três homens, um dos quais...ia sentado na boléia, ao lado do cocheiro, e subíamos... ao passo lento dos cavalos, a estrada que serpenteia a encosta".

(Interrompendo a leitura do texto, Elisa retira as mãos da impressora e, mudando inesperadamente de assunto, pergunta):

- Você nunca me falou de sua mulher, aliás sua ex-mulher, Helena. Não é este o nome dela?

(Arnaldo, surpreendido com a pergunta meio intempestiva, demora um pouco para responder. Depois o faz, com certo constrangimento):

ARNALDO

- Conheci Helena no "São Rafael", quando lecionava Braille. Nosso casamento foi tumultuado, pois ela tinha, e ainda tem, um temperamento difícil, com crises de depressão que a levavam a beber, fumar e ter insônias que me obrigavam a sair com ela durante a noite, caminhando sem rumo pela cidade. Ela dizia que tinha claustrofobia. Imagine a ironia: claustrofobia em cego!...*(Depois de pequeno intervalo, continua):*

- O problema mais sério de Helena era a impossibilidade de ter filhos, coisa que a angustia até hoje. Quando penso em você e em Helena, sinto alívio, vendo a grande diferença entre vocês duas.

ELISA

- E qual é a diferença?

ARNALDO

- Você é uma mulher forte, alegre, persistente. Apesar das dificuldades que enfrenta, tem vitalidade, uma força latente que enrijece sua vontade, cria uma imaginação fértil, sensual...

ELISA

- Chega, chega, Arnaldo! Assim você me deixa vaidosa! Ninguém me definiu de forma tão generosa!

(Arnaldo, num arroubo de ternura, enlaça Elisa, beija-a no rosto e, depois, longamente, na boca.. Mas Elisa, percebendo a excitação que o beijo antecipa, afasta-o delicadamente, dizendo):

- Não, Arnaldo!... Não é hora disto...

(O professor, meio contrafeito, senta-se na cadeira, ao lado da aluna, apanha a impressora em Braille, e reconhece):

ARNALDO

- Tem razão, Elisa, me desculpe... Vamos trabalhar. Escreva. Vou ditar:

- "Perguntaram certo dia ao velho Aristóteles:

- "Que é a Beleza"?

(Espera alguns instantes, enquanto Elisa picota a folha com o novo texto. Depois pergunta):

- Escreveu?

(Elisa, ainda insegura com o sistema Braille, pede tempo).

ELISA

- Espere um instantinho...

(Depois de alguns segundos confirma):

- Pronto. Pode continuar.

ARNALDO

- "O que é a Beleza? - repetiu o filósofo.
Ele próprio respondeu:
- "Só um cego pode fazer esta pergunta".

(Elisa interrompe o ditado, pensativa. No silêncio que se faz, ouve-se, de repente, entrando pela janela, o soar forte de uma sirene de ambulância, passando na rua e, depois, se afastando. Elisa espera um pouco e então indaga):

ELISA

- Você alguma vez fez esta pergunta? Sabe o que é a Beleza?...

(A pergunta faz Arnaldo refletir. Depois de alguns instantes, responde pensativamente):

ARNALDO

- Fiz, certa vez, esta pergunta ao professor Marchesotti, grande amigo e colega no "São Rafael". Mas ele não soube responder...

ELISA

(Insistente): - Mas eu quero saber se você, pessoalmente, sabe a resposta...

(Arnaldo levanta-se, vai ao piano, abre a tampa e executa, até o fim, o Prelúdio nº 4, de Chopin, obra de envolvente melancolia. Depois volta-se para Elisa e comenta):

ARNALDO

- Para mim, Elisa, isto é Beleza...

(Elisa levanta-se e, lentamente, aproxima-se do piano, recosta o rosto em Arnaldo e diz com doçura):

ELISA

- É sim, Arnaldo, é uma música linda, mas para mim é mais Tristeza e Sofrimento do que Beleza...

(Os dois se calam e, no silêncio que se faz, ouve-se, repentinamente, entrando pela janela, uma voz enfurecida):

VOZ FEMININA

- "O quê?! Não trouxe o dinheiro?! A geladeira está vazia, Fernando, só tem garrafa de água, homem!"

VOZ MASCULINA

- "Não grita comigo, porra!"

(Depois começa a ouvir-se o som de uma música popular de sucesso (talvez "Ali Babá", com o grupo É o Tchan) que alguém coloca num aparelho de som.

Arnaldo e Elisa ouvem, contrafeitos, aqueles sons deploráveis. Depois ela comenta):

ELISA

- Isto não tem Beleza nenhuma, Arnaldo...

(Arnaldo concorda, volta-se para Elisa, toma-lhe as mãos e comenta):

ARNALDO

- Isto é cada vez mais comum nestes dias. Me faz lembrar o que Dostoievski escreveu nas "Recordações da Casa dos Mortos".

(Faz pequena pausa e depois continua):

"O duelo entre Deus e o Diabo é aqui mesmo na terra, e o campo de batalha é o ardente coração humano".

(Volta a ouvir-se a discussão, mais raivosa ainda, do casal anônimo, no apartamento vizinho, calando Arnaldo e Elisa, constrangidos):

VOZ FEMININA

- Você não pára em nenhum emprego! Fica culpando o governo, a globalização e outras besteiras! A culpa é sua, homem, você é que é um incompetente!

VOZ MASCULINA

- "Incompetente é você, porra! Ora, vá se foder! Não me encha o saco!

(Ouve-se o bater violento de uma porta e, a seguir, sobe a música do Tchan, com seu ritmo da moda. Arnaldo, ainda sentado ao piano, levanta-se e, com Elisa, retorna lentamente à mesa de trabalho.

Neste ponto, assustando Arnaldo e Elisa, ouve-se, pela janela, o ruído forte de uma batida de carros. Voltam-se automaticamente para a janela, ouvindo gritos e vozes que chegam da rua).

ARNALDO

- Outra batida! Nesta rua isto é freqüente. Parece que os motoristas têm ódio uns dos outros! E pressa pra chegar não sei onde.

ELISA

- No cemitério, com certeza...

(Arnaldo vai à estante, procura um CD que depois coloca no aparelho de som, ouvindo-se a Sinfonia nº 6, de Tchaicovsky, conhecida como "Patética". Depois de alguns instantes, explica):

ARNALDO

- Falamos em Dostoievski, Elisa. Agora estamos ouvindo a "Sinfonia Patética" de Tchaicovsky, outro russo genial. Tanto o escritor, como o compositor, sofreram muito, conheceram o inferno que atormenta o ser humano.

ELISA

- Você hoje está meio pessimista, Arnaldo.

ARNALDO

- Não, Elisa, ao contrário, hoje estou feliz, imensamente feliz, pois você está aqui...

(Depois acrescenta, com ênfase):

- Você é a pessoa mais importante de minha vida. É a Flor Azul que fincou raízes dentro de mim...

ELISA

- "Flor Azul"?... Que flor é esta, Arnaldo? É a shesslera que você cuida com tanto carinho?

ARNALDO

- Não, não, Elisa. Não é minha planta. É uma flor, a flor que Novalis, o poeta alemão, chamou de "*Flor Azul*" a flor que ainda não lograram ver olhos humanos, mas cujo perfume enche o mundo inteiro".

(Espera alguns instantes e depois completa):

- Pois você, Elisa, é a "Flor Azul" que eu não vejo, mas que perfuma minha vida.

(Dizendo isto, Arnaldo abraça Elisa, desta vez com ímpeto e paixão, enquanto sobe o volume da Sinfonia de Tchaikovsky.

Arnaldo beija Elisa, apaixonadamente, nos olhos, no rosto, na boca, com uma excitação cada vez maior. Elisa se entrega, deixando que uma sensação voluptuosa lhe tome os sentidos.

Arnaldo ergue-a, então, do solo e a leva nos braços à cama, onde a estende, enquanto a luz dos refletores diminui lentamente. Na cama Arnaldo despe, beija e acaricia o corpo jovem de Elisa que vai surgindo. Depois também se despe e deixa que ela lhe acaricie o corpo. Quando a possui, Elisa exclama, deliciada:

ELISA

- Te quero, te quero, te quero!

(Sobe um pouco mais o volume da "Patética", de Tchaicovsky, em trecho de grande intensidade dramática.

Na cama, quase na obscuridade, os dois se entredevoram de gozo e prazer.

Depois, com a música em volume mais baixo, Arnaldo e Elisa, ainda abraçados, repousam da posse voraz, e conversam):

ARNALDO

- Li outro dia uma história bonita de Rubem Alves, "A Toupeira que Queria Ver o Cometa", que ele escreveu para crianças. Quer ouvir?

ELISA

- Quero, Arnaldo. Você sempre conta histórias bonitas.

ARNALDO

- "Era uma toupeira que morava num buraco, uma espécie de túnel cavado debaixo da terra. Vivía no escuro, longe de tudo. Seu sonho era ver um cometa, que lhe disseram ser uma coisa brilhante que aparece no céu e não fica parado como as estrelas. Passa e vai embora, deixando um rasto de luz, como uma cauda.

Também disseram que o cometa tinha poderes mágicos, pois quando passa tem o poder de realizar os desejos de quem o vê. A toupeira então confessou, tristemente:

- "Tudo o que eu desejo é ver. Quero ver para conhecer melhor o mundo, as coisas, as pessoas. Quero ver as coisas bonitas do mundo!"

Com este desejo, adormeceu e sonhou com o cometa, surgindo no céu, a cauda imensa, colorida, como se fosse um arco-iris. E tinha a forma de um olho. E a luz do cometa começou a refletir nas coisas. Coisas que a toupeira nunca tinha visto antes: uma flor, um lago, uma nuvem. E viu também, de repente, uma linda gota de orvalho numa folha. E ficou pensando:

"Como pode haver tanta beleza em uma gota de orvalho! Ela brilha e os raios do sol passam dentro dela. Agora sei que tudo o que estou vendo, é mais importante do que o cometa. Ele passa uma única vez. E esta gota linda, esta flor, este caramujo e tudo o mais estão aqui, ficam aqui, tão perto de mim. Eu posso ver, posso tocar, posso sentir..."

Começou a andar, seguindo a luz que refletia nas coisas e lhes dava vida. E ficou deslumbrada. E só então se deu conta de que ver é uma questão de querer. Talvez, antes, seus olhos viam as coisas, mas o seu coração não as acolhia.

E ela compreendeu que os olhos só vêem aquilo que o coração deseja".

(Terminada a narrativa, Arnaldo volta-se para Elisa e tenta beijá-la na boca. Mas Elisa recusa o beijo, afasta Arnaldo com a mão, pensativa, quase irritada. Senta-se na cama e começa a vestir a roupa apressadamente.

Depois começa a chorar, a princípio discretamente. Mas logo depois rebenta em soluços, assustando Arnaldo que pergunta, perplexo):

ARNALDO

- Mas... O que houve, Elisa?... Por quê está chorando?...

(Elisa não responde, dominada por uma grande tristeza. Arnaldo então se levanta, no outro lado da cama, veste-se rapidamente e torna a perguntar, aflito):

- Por favor, Elisa! O que aconteceu?...

ELISA

- Não agüento, não agüento mais, Arnaldo! Eu quero ver, também quero ver!

(Senta-se na cama, desesperada, cobre o rosto com as mãos e chora nervosamente.

Arnaldo contorna a cama e vai sentar-se ao lado de Elisa, tentando acalmá-la):

ARNALDO

- Elisa, Elisa, meu bem! Por quê este desespero? Isto não leva a nada, querida!

(Um gesto brusco de Elisa, afastando Arnaldo, que tenta abraçá-la, deixa-o atônito e assustado.

Elisa deixa a cama e, de pé, termina de vestir-se, dizendo irritadamente):

ELISA

- De vez em quando você me irrita, Arnaldo! Me irrita muito! Não gosto de seu jeito conselheiral, de sua voz piedosa! *(E arremata, quase gritando):* Quero é voltar a ver, a enxergar, enxergar, ouviu?!

(Arnaldo insiste e, novamente, tenta abraçá-la. Mas Elisa, com gesto brusco e raivoso, afasta-o e, ajeitando o penteado, completa):

- Vou te dizer uma coisa importante, Arnaldo!

(Dá as costas ao professor que, de pé, atordado, abotoa a camisa e pergunta):

ARNALDO

- Que coisa importante é esta, Elisa?

ELISA

- Papai marcou consulta e me levou ontem a uma clínica de olhos. O médico me examinou e disse que poderei voltar perfeitamente a ver com um transplante de córnea.

(Elisa, diante da aflita expectativa de Arnaldo, que permanece em silêncio, imóvel, cala-se por alguns instantes, como se lhe perscrutasse a reação. Arnaldo então comenta, ironicamente):

ARNALDO

- Que absurdo você me diz, Elisa. Transplante é coisa caríssima! Você não tem a menor condição de pagar!

ELISA

- O médico disse que pode fazer o transplante com uma verba que o governo dá aos que não têm recursos.

(Um novo e aflito silêncio envolve os dois. Arnaldo tentando ordenar os pensamentos, Elisa buscando penetrar no sofrimento que pressente no professor.

Depois de alguns segundos de reflexão, Arnaldo comenta, com uma inflexão onde há mais temor do que convicção):

ARNALDO

- Quer dizer que vai fazer o transplante? E tem certeza de que voltará a ver?

ELISA

- Tenho. O médico me garantiu isto.

ARNALDO

- Bem, você tem sorte. Aliás, não sei bem se é sorte, Elisa.

(De repente, falando num tom ríspido e exaltado, Arnaldo se aproxima de Elisa e pergunta):

- E por quê, Elisa, por quê você quer tanto ver?! Ver o quê?!

(A pergunta, a princípio, desnorteia Elisa que, perplexa, permanece alguns instantes calada. Mas depois replica exaltadamente):

ELISA

- Ora, Arnaldo, que pergunta tola, sem propósito! Por quê eu quero ver?! Quero ver o mundo, as pessoas, as coisas, a natureza, o céu, os rios, as montanhas! Quero ver a vida, Arnaldo! Quero ver o mundo onde vivo, onde vou morrer!

ARNALDO

- Ver o mundo?! Este mundo corrompido, violento e desumano?! Ver uma humanidade infeliz, aviltada pela miséria, a injustiça?!

Elisa, imóvel, escuta, perplexa, a voz cada vez mais exaltada de Arnaldo):

- Quer ver coisas de estarrecer nas cidades, nas ruas?! Quer ver gente que se se agride, se mata, queima mendigos, estupra, assassina crianças, joga recém-nascido no lixo, se prostitui, se vicia em drogas, deixa milhões na miséria, no desemprego, sem escola, sem hospital, vagando pelas cidades, faminta, como fantasmas?!

(Aproxima-se de Elisa, que se afasta, como se temesse uma agressão, e prossegue, enfurecido):

- Quer ver os que roubam, assaltam, seqüestram, mentem, exploram o povo e ficam impunes?! Ver esta tragédia, este mundo degradado, este povo violentado?! Quer fazer transplante para ver isto, Elisa?!

(Exausto, o rosto recoberto de suor, interrompe a diatribe colérica e, pouco depois, agarra o braço de Elisa, exclamando, agora com menos exaltação):

- Não é melhor continuar cega, sem ver esta miséria?! Não é melhor manter puro seu espírito, seu coração?!

(Melancólica e condescendente, Elisa não se exalta e envolve Arnaldo com uma expressão enternecida):

ELISA

- Mozart, Beethoven, Chopin, todos os compositores que você adora, Arnaldo, fariam sua música imortal se fossem cegos? Eles viveram, sofreram neste mundo que você tanto difama, mas conheceram também coisas tão belas que inspiraram sua música, esta música imortal que até hoje entenece seu coração.

(Depois, compassiva, mas com firmeza, conclui):

- Não sou cega de nascença, Arnaldo! Se tenho chance de voltar a ver, por quê não fazer o transplante?

(Inesperadamente, com uma voz metálica, dura, quase impiedosa, acrescenta):

- Ora, Arnaldo, não transfira para os outros a amargura de sua vida! Não se lembra daquele ditado: "o pior cego é o que não quer ver"?...

(Arnaldo aproxima-se de Elisa e, com a voz agoniada, sentindo no coração um vácuo terrível, responde):

ARNALDO

- Que coisa triste você está dizendo, Elisa! Nunca amaldiçoei o fato de ser cego! Nunca lamentei ninguém por não enxergar, nunca invejei aquele que vê! Mas sempre achei que melhor do que enxergar o que existe diante dos olhos, é ver-se dentro de si próprio, sem criar imagens falsas e vulgares da vida.

(Elisa então reage, agora com rispidez e impaciência):

ELISA

- E por quê você acha que, voltando a ver, vou criar “imagens falsas e vulgares da vida”? Você não me definiu como uma mulher forte e persistente? Mudou tão depressa o conceito que fazia de mim, Arnaldo?

ARNALDO

- Não mudei não, Elisa! Mas você é jovem e inexperiente, pode sofrer todo tipo de tentação. E é sempre pelos olhos que entra a tentação, aquilo que chamo de “imagens falsas da vida”.

(Em vez de retrucar, prolongando a divergência, Elisa responde com um tom de voz equilibrado, no qual se percebe um laivo de orgulho e comiseração):

ELISA

- Não, Arnaldo, não vou dissipar minha vida com esta visão deturpada das coisas. Você, como meus pais, me ensinou a ser forte, a vencer as tentações. Não acho que a vontade de ver seja esta ameaça, este perigo que assusta tanto você.

(Elisa começa a afastar-se na direção da porta. Antes de sair, no entanto, volta-se para Arnaldo, que se sentara na beira da cama, aturdido, e lhe diz, com uma grande melancolia na voz):

ELISA

- Tenho pena de você, Arnaldo! Não por você ser cego, mas por ser um homem amargurado e sem esperança.

(Abre a porta e sai. Arnaldo fica alguns instantes de pé, atônito. Depois fecha a porta, caminha lentamente pelo apartamento e, outra vez, vai regar a shesslera.

A luz dos refletores aos poucos diminui, voltando a ouvir-se, como no início, o Quinteto para cordas, em Dó Maior, de Schubert. Lentamente a cortina se fecha.

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

PRIMEIRO QUADRO

O segundo ato da peça decorre no mesmo cenário do primeiro, ainda discretamente iluminado e agora marcado pelo clima de grande inquietação que se apoderou de Arnaldo, em consequência do conflito com Elisa.

Ao abrir-se a cortina ele é visto sentado na poltrona da sala, pensativo e melancólico. Pela janela entram ruídos característicos da rua suburbana, predominando carros e ônibus, gritos de crianças, gravações de música popular, a voz ampliada do locutor de um carro de som, apregoando produtos comerciais.

Apesar do ruidoso caleidoscópio sonoro que penetra no apartamento, Arnaldo continua mergulhado no drama passional de sua vida.

Tenso e impaciente, Arnaldo, de repente, deixa a poltrona e caminha sem rumo pela sala. Vai à janela, depois apanha um vasilhame cheio de água, rega a shessslera, vai à porta de entrada, onde pára por alguns segundos, como se ouvisse alguém chegar.

Em seguida, afasta-se da porta, vai ao piano e tenta executar a Sonata ao Luar, de Beethoven. Mas o faz de forma superficial, errando notas, o que o leva, se súbito, a bater raivosamente as mãos no teclado e levantar-se, extremamente agitado.

Chega então à mesa, apanha o telefone e começa a fazer uma ligação, que ele, no entanto, interrompe ao ouvir tocar a campainha da porta de entrada.

Apanha sobre a mesa os óculos escuros, que coloca apressadamente e vai à porta, perguntando:

ARNALDO

- Quem é?

(Estremece, ao ouvir a voz inconfundível de Elisa que, do lado de fora, responde):

ELISA

- Sou eu, Elisa.

(Emocionado, Arnaldo enfia depressa a camisa dentro da calça e abre a porta, sorridente, dizendo):

ARNALDO

- Entre, entre, Elisa! Que bela surpresa!

(Elisa entra e, em silêncio, caminha alguns passos no interior do apartamento.

Arnaldo fecha a porta e, com a aguda intuição dos cegos, sabe que alguma coisa de grave acontecera a Elisa. E lhe diz, precavido, quase hesitante):

- Estava preocupado, Elisa. Você não tem vindo às aulas, não tive notícias suas.

ELISA

- Não gosto de dar notícias pelo telefone. Não tenho vindo aqui por motivo muito sério, Arnaldo. E é sobre ele que vim conversar com você.

(Subitamente, causando surpresa a Arnaldo, Elisa começa a chorar e vai sentar-se na cama.

Arnaldo segue-a, senta-se a seu lado e pergunta):

ARNALDO

- O que houve, Elisa? Por quê está chorando? O que aconteceu?

(Elisa põe-se de pé e, com voz trêmula, emocionada, esclarece):

ELISA

- Estou grávida, Arnaldo! É isto, fique sabendo: estou grávida!

ARNALDO

(Arnaldo, atônito, fica alguns poucos instantes em silêncio, como se não atinasse bem para o sentido do que acabara de ouvir. E pergunta):

- Grávida, Elisa? Mas... como soube disto?

ELISA

- Ora, Arnaldo, que pergunta!... Toda mulher sabe perfeitamente quando está grávida!

(Arnaldo aproxima-se de Elisa, faz um gesto para abraçá-la. Mas Elisa o impede. E se afasta. Depois replica, com voz firme):

- O fato é que estou grávida, infelizmente estou grávida! E vim discutir o assunto com você!

ARNALDO

- Não entendi bem o advérbio, Elisa. Infelizmente? Por quê infelizmente?! Para mim é uma notícia maravilhosa! É a coisa mais feliz que podia acontecer! Ter um filho, um filho nosso, não é uma bênção de Deus?

(Elisa dá dois passos, aproxima-se de Arnaldo e lhe diz, asperamente):

ELISA

- Uma coisa me irrita profundamente em você, Arnaldo: citar o nome de Deus, em quem você absolutamente não acredita! Não é estranho um ateu invocar o nome de Deus, nos bons ou nos maus momentos? Mas, deixa pra lá. O problema não é este!

(Arnaldo nada responde, perplexo, esperando que ela prossiga. O que, de fato, Elisa faz, depois de afastar-se alguns passos. Cria coragem e então diz, nervosamente):

ELISA

- Vou ser honesta com você Arnaldo: não posso e não quero ter este filho!

(Ouvindo, perplexo, estas palavras, Arnaldo se assusta e, aproximando-se de Elisa, responde, exaltadamente):

ARNALDO

Não pode, não quer ter este filho?! O que você diz, Elisa, é uma coisa absurda e incongruente! Não se lembra que me falou, várias vezes, que seu maior sonho era ter um filho, amamentá-lo, fazê-lo adormecer em seus braços? E agora que ele está nascendo, não o quer mais?! Que loucura, que coisa insensata é esta, Elisa?!

(Da inquietação, Elisa passa, inesperadamente, para um estado de forte emoção. Caminha alguns metros, afastando-se de Arnaldo. E pára ao lado da mesa de trabalho, volta-se para Arnaldo e explica, confusamente):

ELISA

- Esta gravidez, Arnaldo, chegou em momento impróprio, muito impróprio...

ARNALDO

(Demonstrando grande espanto, Arnaldo interrompe Elisa e fala com irritação):

- Impróprio?! Ter um filho é uma coisa imprópria, Elisa?!

(Elisa chega mais perto de Arnaldo e retruca, nervosamente):

ELISA

- Eu já tinha data, no hospital, para fazer o transplante. Esta gravidez vai provocar o adiamento, pois nenhuma mulher faz uma cirurgia, ou um transplante, com um filho no ventre. Perdendo a data, não sei quando terei outra chance. No hospital há uma fila enorme para esse tipo de transplante!

(Arnaldo, segurando a mão de Elisa, consegue falar-lhe com certa serenidade):

ARNALDO

- Elisa, você é a pessoa mais importante de minha vida. E agora, com este filho, você me transforma no homem mais feliz do mundo! Um filho foi sempre o que mais desejei na vida. E agora quer me tirar esta alegria?

(Elisa, com certa brusquidão, retira a mão de Arnaldo e lhe fala emocionada):

ELISA

- Vou ser franca com você, Arnaldo. Neste momento, para mim, o transplante é a coisa mais importante, pois vai me trazer de volta a visão. Filho posso ter mais tarde, com você, ou com outro homem. E até com inseminação artificial!

(A confissão de Elisa deixa Arnaldo em estado de grande exasperação. A tal ponto que, aproximando-se, segura-a agressivamente pelos ombros e, com voz alterada, explode):

ARNALDO

- Estas foram as palavras mais estúpidas que ouvi alguém falar! Além de estúpidas, indignas e cruéis!

(Neste ponto, dominada por um estado de grande irritação e ressentimento, Elisa retira agressivamente as mãos de Arnaldo e lhe fala em tom mais alto):

ELISA

- E se este filho nascer cego?! Não quero...

(Arnaldo, atônito, exacerbado, não deixa que ela continue e, com voz colérica, interrompe):

ARNALDO

- Nascer cego?! Que ignorância, meu Deus! Há milhares e milhares de casais de cegos que têm filhos perfeitamente normais!

(Elisa não se dá por vencida. Afasta-se alguns metros de Arnaldo e, evitando falar-lhe diretamente, replica):

ELISA

Não quero este filho, Arnaldo! Não quero, de forma alguma, agrade ou não agrade a você! O filho é meu, está em meu corpo, decido como quiser!

ARNALDO

- Não é só seu, Elisa! É meu também! Nasceu do amor que fecundei em você! Não posso ouvir coisa tão insana como esta!

(O confronto deixa Arnaldo e Elisa em um estado de tão grande exaltação e angústia que os faz estremecer até o fundo da alma, crescendo ainda mais, quando Elisa, voltando-se para ele, exclama):

ELISA

- Não, Arnaldo! Não quero que meu filho sirva de guia para um cego!

(Neste ponto a exasperação de Arnaldo transforma-se em fúria, levando-o, inesperadamente, a esbofetear Elisa no rosto, gritando, transtornado):

ARNALDO

- Miserável! É a coisa mais desprezível que ouvi de você, Elisa!

(Elisa, atônita, permanece imóvel diante de Arnaldo que, exausto, o rosto pálido, recoberto de suor, dela se afasta para se lançar, arrasado, numa cadeira. Elisa caminha, então, trêmula, na direção da porta de saída. Mas não a abre e nem sai. Retorna ao centro do palco e pára, indecisa, sem saber onde Arnaldo se encontra. E pergunta, como se estivesse perdida no meio de uma multidão):

ELISA

- Arnaldo... Onde você está?...

(Arnaldo, ferido no mais fundo do coração, responde, com voz profundamente deprimida):

ARNALDO

- Aqui, no inferno onde você me deixou!

(Elisa, localizando-o pela voz, aproxima-se da poltrona e, com voz trêmula, magoada, então lhe fala):

ELISA

- Me perdoe pelo que eu disse, Arnaldo! Mas não precisava me agredir! Nunca vou perdoar esta agressão covarde!

ARNALDO

- Me perdoe, Elisa! Mas o que você disse foi horrível e me deixou desesperado! Não queria que isto acontecesse! Juro por tudo o que é de mais sagrado! Mas você não sabe que não há nada mais belo do que a gestação de um filho?! E você recusa isto?!

(Subitamente, voltando a enfurecer-se, Arnaldo aproxima-se de Elisa e completa, com voz cortante):

- E o que você vai fazer com este filho, com nosso filho, Elisa?! Vai arrancá-lo de seu corpo, lançá-lo no lixo, no cesto de rejeitos de um hospital?!

*(Elisa nada responde e, vagarosamente, encaminha-se para a porta, enquanto as luzes do palco vão diminuindo, até completa escuridão, voltando a ouvir-se outro trecho do Quinteto de Cordas de Franz Schubert, encerrando o **Primeiro Quadro do Segundo Ato**).*

SEGUNDO QUADRO

O Segundo Quadro tem início quando as luzes, sem muita intensidade, voltam a iluminar o palco, que está inteiramente vazio, ouvindo-se, pela janela, os ruídos ambientais da rua suburbana.

Depois de alguns segundos, ouve-se o ruído de uma chave na porta de entrada do apartamento. A porta então se abre e o professor, com óculos escuros e bengala branca, penetra no apartamento.

Recosta a bengala em um canto, retira os óculos e o paletó, que deposita no cabide, aproxima-se da mesa, sobre a qual deposita dois livros e uma pasta com documentos. Depois, cansado, o rosto exprimindo grande desalento e uma profunda tristeza, vai novamente regar a shesslera.

A planta está quase morta, com as folhas murchas e amarelecidas, o que não impede o cego de despejar nelas quase uma jarra de água.

Depois, perturbado como se encontra, deposita desajeitadamente a jarra na beira da mesa, de onde ela cai para espatifar-se no chão, levando-o a exclamar:

ARNALDO

- Merda!

Caminha sem rumo pelo cômodo, vai sentar-se na poltrona, onde permanece apenas por alguns segundos, até que se decide. Deixa a poltrona e vai à mesa, apanha o telefone e faz uma ligação. Quando completada, diz à pessoa que atende:

ARNALDO

- Boa tarde. Por favor, eu queria falar com Elisa...

(Fica escutando, tenso. Logo depois, com desencanto na voz, pergunta):

- Saiu?... Com quem? Namorado?...

(Aguarda um instante. Depois se despede):

- Obrigado, senhora. Diz apenas que o Arnaldo telefonou.

(Desliga e vai estender-se na cama, entregue à inércia e ao desalento. Mas fica lá por pouco tempo, pois, assustando-se, ouve soar a campainha da porta. Levanta-se, vai até lá e pergunta):

ARNALDO

- Quem é?

VOZ MASCULINA

- Quer o gás, patrão?

ARNALDO

- Não. Não preciso!

(Volta ao interior do apartamento, caminha até a estante, apanha um livro e, desta vez, vai sentar-se na poltrona. Coloca o livro sobre as pernas e, com rápidos movimentos dos dedos no texto em Braille, tenta ler, mas novamente por pouco tempo. Fecha o livro, levanta-se, volta à estante e apanha uma gravação em CD.

Vai até a mesa e coloca o CD no aparelho de som. Ouve-se, então, o primeiro movimento da Sonata para Violino e Piano em Lá Maior, de César Franck, na interpretação de David Oistrakh e Sviastolav Richer, que se escuta em volume suficiente para abafar os ruídos que entram pela janela.

Depois Arnaldo volta a estender-se na cama e fica ouvindo por algum tempo. Logo depois, no entanto, soa novamente a campainha da porta. Arnaldo se levanta e chega à porta, indagando):

ARNALDO

- Quem é?

(Estremece ao ouvir a voz inconfundível de Elisa que, do lado de fora, responde delicadamente):

ELISA

- Sou eu, Arnaldo. Elisa...

ARNALDO

(Arnaldo responde, com voz emocionada):

- Um instantinho, Elisa...

(Coloca apressadamente os óculos, enfia a camisa dentro da calça e volta à porta, que abre, sorrindo, dizendo):

- Entre, entre, Elisa!

(ATENÇÃO) No exato instante em que Elisa penetra no apartamento, os refletores inundam o palco de luz intensa, contrastando com a iluminação discreta de antes).

(Arnaldo depois acrescenta com uma cordialidade na qual se percebem constrangimento e melancolia):

- Pensei que tivesse se esquecido de mim...

ELISA

- Como pode pensar uma coisa dessas, Arnaldo? Me esquecer de você? Um amigo a quem devo tanto? A prova é que estou aqui, vim ver... saber como você está...

ARNALDO

- Estou bem, Elisa, estou bem... Vivendo com meus fantasmas...

ELISA

- Fantasmas maravilhosos: escritores, poetas, compositores... Gostaria de ter também esses fantasmas... Mas os meus são outros...

(Os dois continuam de pé, próximos à porta de entrada, constrangidos, hesitantes, como se procurassem adivinhar o pensamento um do outro.

Ouvindo a música que o aparelho de som transmite, Elisa então pergunta, tentando desanuviar o ambiente):

- E esta música belíssima, qual o fantasma que compôs?

ARNALDO

(Mais relaxado, Arnaldo esclarece):

- César Franck, um dos meus prediletos...

ELISA

- A música é linda, Arnaldo. E parece coisa de "fantasma" apaixonado...

ARNALDO

- Você acertou. César Franck compôs esta sonata perdidamente apaixonado por uma aluna do Conservatório de Paris. Uma paixão que o fez sofrer muito.

(Elisa, parada diante da porta, parece desatenta ao que diz Arnaldo, pois seus olhos, que agora enxergam, vasculham o apartamento, observando móveis, livros, a cama, a janela ao fundo, a estante de livros, o piano.

Arnaldo, estranhando o silêncio de Elisa, então pergunta):

ARNALDO

- Mas, Elisa, por favor. Não fique parada aí. Entre, venha sentar-se.

(Elisa caminha alguns passos e, mais próxima de Arnaldo, lhe fala):

ELISA

- Espere um pouco, Arnaldo. Primeiro quero ver o lugar onde você mora e que frequentei tanto tempo...

(Começa a examinar tudo o que se encontra no apartamento. Vai à mesa, apanha carinhosamente a impressora em Braille, comentando, como para si mesma:

- A pequena impressora em Braille...

(Depois vai à estante de livros, retira um deles, dizendo):

- Os Contos, de Maupassant...

(Aproxima-se do piano, apanha a pequena estatueta de Beethoven, dizendo com voz enternecida):

- Beethoven, com o rosto atormentado...

(Aproxima-se em seguida do retrato dos pais de Arnaldo, pregado na parede, e comenta:

- Eram bonitos seus pais, Arnaldo... Você se parece mais com sua mãe...

(Aproxima-se da janela, avista os cacos da jarra quebrada, vai ao interior do apartamento pela porta dos fundos, volta logo em seguida com uma vassoura e uma pá de lixo. Recolhe os cacos e os leva aos fundos do apartamento, enquanto Arnaldo, parado no mesmo lugar, nada fala ou faz, esperando, contrafeito, sem iniciativa.

Elisa retorna dos fundos, observa a planta murcha. Depois caminha alguns passos, fixa os olhos na cama, sem nada dizer. Depois se volta para Arnaldo, que dela se aproximara para fazer a pergunta inevitável):

ARNALDO

- E o transplante?... Como foi o transplante, Elisa?

(Elisa percebe que esse é o ponto crucial do reencontro. Caminha lentamente em direção a Arnaldo, toma-lhe delicadamente as mãos que ele, no entanto, retira, quase irritadamente, e lhe diz):

ELISA

- Sim, Arnaldo. Recuperei a visão, estou vendo sua casa, os móveis, a mesa, o piano... Estou vendo você...

(Arnaldo permanece em silêncio, um denso e constrangido silêncio, ouvindo Elisa que continua, excitadamente):

- Foi maravilhoso, Arnaldo! Principalmente quando o médico retirou a venda de meus olhos, e comecei a enxergar... No começo via tudo meio desfocado, mas depois fui enxergando melhor...

ARNALDO

- E agora, está vendo bem?...

ELISA

- As coisas mais distantes ainda estão meio enevoadas... Mas, de perto, vejo tudo com nitidez.

(Aproxima-se de Arnaldo e acrescenta, ternamente):

- Você é como eu imaginava, Arnaldo. O rosto inteligente, a fronte larga, o semblante tristonho, sonhador... Só que estes óculos...

(Faz um gesto para retirar os óculos escuros que ele usa. Mas Arnaldo, adivinhando-lhe a intenção, recua e exclama, ríspido):

ARNALDO

- Não faça isto!

(Elisa, constrangida, se desculpa):

ELISA

- Desculpe, Arnaldo, não quis...

(Mas não completa a frase, pois Arnaldo, ele próprio, subitamente, retira os óculos, aproxima-se agressivamente de Elisa e lhe diz):

ARNALDO

- Pode ver, Elisa! Veja, veja os olhos de um cego!

(Elisa, profundamente contrafeita, fixa em Arnaldo um olhar assustado, no qual se percebem pesar, repulsa e comiseração. E enxerga um órgão visual atrofiado, as pálpebras parecendo cosidas para cima, a cavidade orbitária embranquiçada, a pupila inerte.

Constrangida, envergonhada, Elisa desvia o olhar e ouve Arnaldo dizer, com a voz devastada pela angústia):

- Estes olhos, Elisa, estão mortos! Mortos para sempre! Morreram, nunca vão enxergar nada!

(Fica em silêncio por alguns instantes. Depois quer saber):

- E os seus olhos, Elisa, como são?... Pretos, castanhos, azuis?...

ELISA

- São azuis...

(Arnaldo, agora com menos frieza, quase carinhosamente, comenta):

ARNALDO

- Devem ser bonitos... Minha mãe também tinha olhos azuis...

(Ficam calados, tomados pela emoção. Mas logo depois Elisa volta a comentar, enternecida):

ELISA

- Quando voltei a enxergar, Arnaldo, uma coisa me comoveu muito: uma gota de água, numa folha... Lembrei-me da história da toupeira...

ARNALDO

- E o cometa? Não viu o cometa?...

(Elisa abre-se num sorriso ingênuo e puro. E responde):

ELISA

- Não vi não, Arnaldo. Mas, à noite, vi, deslumbrada, o céu coalhado de estrelas, milhões e milhões de estrelas. E vi luzes dos postes, carros passando, crianças voltando da escola, um casal se beijando, um rapaz tocando violão numa esquina. E vi que o mundo, além de coisas feias e tristes, também tem coisas belas, alegres, maravilhosas...

ARNALDO

- Mas não se esqueça de conhecer também os casebres dos catadores de papéis, as famílias, com crianças, vivendo miseravelmente embaixo dos viadutos! Também vá olhar as favelas da periferia, os prontos-socorros, os hospitais onde há doentes empilhados nos corredores, crianças chorando, com fome e medo!

(Irritada com a insistência de Arnaldo, Elisa dá uma réplica quase inamistosa):

ELISA

- Você tem idéia fixa, Arnaldo, e, como não enxerga, só imagina o lado sórdido do mundo! Acredite em mim, Arnaldo: o mundo tem tudo isto que você diz, mas tem também coisas belíssimas, criadas por Deus, pelos homens...

(Arnaldo aproxima-se de Elisa e, ironicamente, pergunta):

ARNALDO

- Por exemplo?...

ELISA

- Por exemplo: um jardim, o amanhecer, o crepúsculo, o sorriso de uma criança...

ARNALDO

(Interrompendo, sarcasticamente):

- O choro de uma criança faminta, pedindo esmola?...

(Elisa se cala, evitando a discussão. Isto estimula Arnaldo a prosseguir):

- Vou te dizer uma coisa, Elisa. A maioria, a grande maioria das pessoas que não são cegas, mas são pobres, passa a vida enxergando coisas feias e deprimentes. A pobreza, a luta pela sobrevivência, o mau-gosto, a rotina, a incultura impedem que conheçam, pela visão, o que o mundo tem de mais belo e enriquecedor.

ELISA

- Só o rico, então, desfruta a beleza da vida, Arnaldo? Para mim, um pobre é tão feliz num campo de futebol, ou num pagode, do que um rico num restaurante de luxo, ou no Metropolitan de Nova York.

ARNALDO

- Quando o futebol acaba, o pobre volta para seu pequeno mundo de tristeza e feiúra.

ELISA

- Já que você quer generalizar, também acho que quando o rico sai do Metropolitan volta para seu mundo de tédio e solidão.

ARNALDO

- Acho que você não está me entendendo bem, Elisa. Estou querendo dizer que, no Brasil, a maior parte das pessoas só enxerga, pela pobreza e incapacidade de julgamento, as tolices das novelas, as baixarias do Ratinho, as imagens de desastres, conflitos, miséria e violência que jornais, filmes e televisão divulgam o ano inteiro para multidões incapazes de refletir. Vale a pena ter olhos para não ver nada, Elisa?!

(Neste ponto, Elisa, mais condoída do que irritada, aproxima-se de Arnaldo e replica, pacientemente):

ELISA

- Deus, o tempo todo, Arnaldo, dá ao ser humano a opção de escolher entre o feio e o belo, o ódio e a ternura, o perdão e a violência, o pecado e a virtude...

(Mas Arnaldo, novamente, interrompe Elisa para lhe dizer, sarcasticamente):

ARNALDO

- Deus concede a opção de escolher?... Escolher o quê?! O ser humano, minha cara, já destruiu o que havia de melhor, de mais digno e belo na vida! Não temos mais opção! Fomos escravizados, Elisa, e não é Deus, mas o Diabo, infelizmente, que hoje nos obriga a escolher entre o feio e o horroroso, o mau-gosto e a vulgaridade, o triste e o lúgubre, o ódio e a revolta, o vício e o crime!

(Durante a fala de Arnaldo, Elisa lhe dá as costas e finge examinar uma gravura fixada na parede. Depois, sem se conter, francamente enervada, volta-se na direção do antagonista e replica):

ELISA

- Acho que você já fez uma clara opção, Arnaldo: pelo Diabo, e não por Deus!

ARNALDO

- Não fiz nenhuma opção pois não acredito nem em Deus, nem no Diabo, Elisa. Tanto um, quanto o outro, são metáforas, criações da mente humana tentando explicar o Bem e o Mal, o Pecado e a Virtude. Do ponto de vista pictórico, a imaginação humana pinta Deus com uma enorme cabeça, uma longa barba, e o Diabo com chifres, barba, cauda e um ancinho na mão. Para mim, os dois existem é na fértil imaginação dos homens, e principalmente das mulheres, sempre mais crédulas. Por falar nisto, lembre-se da frase de Dostoievski, aquela do duelo entre as duas grandes criações da mitologia religiosa, - Deus e o Diabo?

(Elisa encara agressivamente Arnaldo e, dando dois passos em sua direção, interfere com aspereza):

ELISA

- Ora, Arnaldo, esta conversa desceu para um terreno desagradável e sem nexos! Temos pontos de vista antagônicos, não adianta discutir! Eu acredito em Deus, você no Diabo!

ARNALDO

- Engano seu, Elisa. Também não acredito no Diabo. Acredito é no dualismo do ser humano, que é um Deus e, ao mesmo tempo, um Diabo, capaz de grandeza e baixeza. Mas, antes de encerrar a polêmica, gostaria de lhe fazer uma pergunta. Se Deus existe e é tão poderoso, por quê não usa seu imenso poder para punir os maus, premiar os bons? Por quê não socorre a humanidade? Por quê a deixa entregue ao vício, à miséria, ao crime, à violência? Por quê não castiga os corruptos e os ladrões, os que martirizam inocentes, humilham negros, crucifixam mendigos, abandonam os famintos?!

ELISA

- Deus, que você renega, Arnaldo, põe à prova o ser humano e, como ensina Santo Tomaz de Aquino, lhe oferece sempre as verdades básicas.

ARNALDO

- E quais são essas verdades básicas, Elisa? A injustiça, a violência, a crueldade, o preconceito, a miséria para uns, a riqueza para outros, as doenças, as guerras, os crimes, as matanças, as epidemias, a cegueira?!

ELISA

Isto também existe, Arnaldo, mas existe pela falta de fé nas verdades essenciais, reveladas por Deus: o perdão, a caridade, a bondade, o desprendimento, a luta contra o pecado e as tentações, a soberba, a mentira.

(Arnaldo aproxima-se mais de Elisa e retruca, agora com voz dura e cortante):

ARNALDO

Então me diga uma coisa, Elisa: você, que é tão religiosa, acredita tanto em Deus, no perdão, na bondade, na caridade, como explica sua desobediência a um dos mandamentos básicos da Lei de Deus: “NÃO MATARÁS”?!

(Elisa estremece, sabendo agora que a discussão entrara por um terreno terrível e angustiante: o filho que não quis ter. Antes de responder, ainda ouve Arnaldo acrescentar, com voz impiedosa):

- Não foi isto que você fez com seu filho, com nosso filho?! Não o retirou de seu ventre, NÃO O MATOU?!

(Apesar do grande abalo que a acusação lhe provoca, deixando-a amargurada, Elisa ainda consegue dizer):

ELISA

- Você é um homem cruel e obcecado, Arnaldo! Não compreende, ou não quer compreender, as razões de meu ato! Ato de livre arbítrio, pois eu, e não você, é quem iria fazer a gestação do filho. Para o qual, aliás, você colaborou de forma muito prazerosa, apenas com o orgasmo, não é verdade?

(Ouvindo isto, Arnaldo passa da perturbação para um estado de crescente exasperação. E replica nervosamente):

ARNALDO

- Você agora chegou a um ponto absolutamente indigno, Elisa, resvalando pela vulgaridade, por uma combinação vergonhosa de ironia e cinismo!

ELISA

- Se o que fiz é cínico para você, Arnaldo, para mim é fruto de auto-afirmação, de liberdade para escolher o que é melhor para mim, e não para você!

(Arnaldo, aproxima-se ainda mais de Elisa, e retruca com uma entonação ressentida e colérica):

ARNALDO

- Nunca fui prepotente, Elisa! Mas sei, e você também sabe, que ter um filho é um ato a dois, tanto no mundo dos humanos como no dos animais. Não aceito, de forma alguma, esta acusação idiota! Você começa a me ofender, e isto não aceito!

(A discussão chegara a um ponto de insuportável tensão para os dois. Elisa, profundamente desgastada, afasta-se de Arnaldo e se encaminha para a porta de saída. Antes de sair, no entanto, completa, com voz firme):

ELISA

- Acabou, acabou tudo entre nós, Arnaldo! Vou seguir minha vida, uma nova vida! Fique com sua prepotência, sua solidão, seus fantasmas! Eu fico com os pobres, com gente de carne e osso! Alguém vai me amar, me respeitar, vai me dar outro filho, pois o que eu não quis ter seria profundamente infeliz como filho de um homem frustrado, cego de olhos e coração! Por favor, Arnaldo, me esqueça, me esqueça para sempre, não me procure nunca mais!

(Faz menção para sair, mas, inesperadamente, depois de avançar na direção da porta, Arnaldo impede-a de sair e, de forma violenta, tenta agarrá-la.

Mas Elisa consegue libertar-se e corre para o centro do palco, seguida por Arnaldo que, desorientado, as mãos tateantes, vai em seu encalço, chocando-se com uma cadeira e a mesa, fazendo o aparelho telefônico, a impressora de Braille e dois livros tombarem no chão.

A perseguição, dramática e patética, ainda prossegue, levando Arnaldo, desesperado, a correr de um lado para outro, procurando Elisa, que, nesse meio tempo, contornara a mesa e seguira na direção da porta.

Mas Arnaldo, com passos trôpegos, tenta alcançá-la, chocando-se contra móveis e objetos. Até que, num salto de inesperada agilidade, agarra-a perto da porta, arrasta-a e a joga violentamente na cama. Depois lança-se sobre ela, tapa-lhe a boca e a impede de gritar, dizendo com ódio crispante):

ARNALDO

- Filho você nunca mais vai ter, Elisa!

(Elisa se debate, tentando livrar-se das mãos do agressor, travando-se, então, uma luta feroz e desigual. Mas a moça, com força inesperada, consegue afastar as mãos de Arnaldo e salta da cama. Mas Arnaldo consegue novamente detê-la e volta a lançá-la no leito, imobilizando-a. Elisa, desesperada, começa então a gritar, misturando sua voz com a melodia angustiada de César Franck, que o aparelho de som ainda transmite):

ELISA

- Me solte, covarde, me solte!

(De súbito, com alucinada selvageria, Arnaldo começa a espancar Elisa no rosto e no peito em movimentos grotescos, ouvindo-a gritar, furiosa):

- Covarde, covarde! Me solte, covarde! Me solte!

(Não conseguindo que ela pare de gritar, Arnaldo, de repente, mete os dedos nos olhos da infeliz, como se quisesse arrancá-los.

Mas Elisa se contorce e, com força inaudita, afasta as mãos enfurecidas do agressor, empurra-o para o lado e salta da cama, correndo para a porta que ela abre. Depois se afasta pelo corredor.

Arnaldo ainda fica alguns instantes sentado na cama, exausto, atônito, como se não atinasse para o que ocorrera.

Depois se levanta, deixa a cama e, percebendo que a porta ficara aberta, vai fechá-la. Em seguida caminha vagarosamente, como se uma grande fadiga lhe pesasse nas pernas, no coração, em todo o corpo.

Chega diante da mesa, tateia o chão, apanha o telefone, a impressora, os dois livros, colocando-os sobre a mesa. Depois coloca as cadeiras na posição certa e vai aos fundos do apartamento, de onde retorna com uma vasilha de água.

Chega perto da shesslera, murcha e feia, quase morta, e nela despeja toda a água da vasilha

Depois se aproxima da mesa, abre uma gaveta, apanha um revólver e vai buscar um travesseiro na cama. Em seguida, com o travesseiro e a arma, senta-se na beira da cama e, durante alguns instantes, fica ouvindo a Sonata de César Franck, com o volume aumentado.

Pouco depois, no entanto, aponta o revólver para o coração e, sobre ele e a mão direita, coloca o travesseiro. Puxa então o gatilho da arma, provocando um estampido surdo e amortecido. E tomba, morto, na cama.

Com o som patético e apaixonado da Sonata de César Franck, a luz dos refletores vai pouco a pouco diminuindo, enquanto a cortina se fecha, vagarosamente, encerrando a peça.

FIM DO SEGUNDO QUADRO E DO ÚLTIMO ATO

Belo Horizonte, 1998.

Geraldo Santos Pereira

Rua Pompéia, 39, ap. 01 - Prado - Tel. 371-4604